**FORMAÇÃO DE PROFESSORES: EDUCAÇÃO, CULTURA E TECNOLOGIAS**

*TEACHER EDUCATION: EDUCATION, CULTURE AND TECHNOLOGIES*

*FORMACIÓN DE PROFESORES: EDUCACIÓN, CULTURA Y TECNOLOGÍAS*

**Entrevista com Vani Moreira Kenski**

**Dinamara Pereira Machado**

Doutora em Educação, Diretora da Escola Superior de Educação do Centro Universitário Internacional Uninter

# Gisele do Rocio Cordeiro

# Doutoranda em Educação, Coordenadora do Curso de Licenciatura em Pedagogia -Centro Universitário Internacional - UNINTER

Esta entrevista com Vani Moreira Kenski, elaborada como diálogo envolvendo a inclusão de questões formuladas por estudantes de licenciaturas e por Dinamara Pereira Machado e Gisele do Rocio Cordeiro, procura discutir as questões relativas à formação de professores, inovação, cultura e Educação a Distância colocando em foco as tecnologias.

Professora Vani Moreira Kenski é mestre e doutora em Educação, licenciada em Pedagogia e Geografia, vice-presidente da ABED (Associação Brasileira de Educação a Distância). É professora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade de São Paulo (USP), diretora da Site Educacional Ltda e pesquisadora no CNPq. Desenvolve a pesquisa Formação de professores para tempos futuros: uma proposta em movimento, com a finalidade de acompanhamento e análise de implantação de curso de Licenciatura, fortemente baseado em tecnologias digitais de comunicação e informação, identificando os principais aspectos de inovação e os seus resultados concretos na aprendizagem dos alunos.

Foi responsável pelo design instrucional do curso de Licenciatura em Ciências da USP. Criadora e ex-coordenadora do curso de Pós-Graduação em Designer Instrucional do Senac. Ex-professora da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP) e da Universidade de Brasília (UnB). Organizadora e autora do livro O design instrucional para cursos on-line na Educação e vários outros livros, pessoal. Autora de vários livros, alguns que vocês já conhecem, como Tecnologia e Ensino presencial e a distância; Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação; e Tecnologias e tempo docente, todos publicados pela Editora Papirus, além de outras publicações.

Dinamara: É isso mesmo, profa. Gisele, e que honra entrevistar a profa. Vani. Com este vasto currículo, mas, principalmente, uma professora que ainda está na lida, não é, Profa. Vani? E que temos a honra de hoje estar aqui. Nesta conversa, neste diálogo, somos todos professores, trabalhando com nossos alunos e tentando fazer o melhor.

Vani: É uma honra muito grande estar com vocês. É um prazer enorme ver o quanto a Uninter está crescendo, fazendo um trabalho de Educação a Distância de qualidade. Isso me deixa muito feliz, porque sabemos que com a EaD podemos melhorar a Educação no Brasil, expandi-la e estar presente em regiões do país que antes era impossível alcançar. Então, estou muito, mas muito, feliz de estar aqui com vocês.

Dinamara: Posso compartilhar com os estudantes, eu fico sempre muito feliz de encontrar a Profa. Vani Kenski, uma professora que é referência nos meus trabalhos, sempre em publicações. Vamos falar do nosso tema? Formação de Professores: Educação, Cultura e Tecnologias. Vamos conversar com esses professores que logo serão professores, que estarão aí em Cacequi, em Manaus, em qualquer lugar do Brasil, fazendo a nossa missão, que é transformar esse país pela Educação. Professora, falávamos agora há pouco da questão local regional: fazer Educação a Distância é também fazer esse respeito a esse homem daquela localidade, fazer com que a tecnologia seja só um meio, não é?

Vani: Exatamente. O mais importante na tecnologia - não é só em Educação, mas em todas as áreas, Medicina ou qualquer outra área - é o que ela proporciona para as relações entre as pessoas. O mais importante é garantir que as pessoas que estão envolvidas em um mesmo desafio possam estar juntas, mediadas pela tecnologia, superando barreiras de tempo e espaço. Ou seja, a tecnologia oferece condições para se fazer mais e melhor, sem precisar de maiores deslocamentos das pessoas. Isso é essencial para o processo de interação entre pessoas mediadas pelas tecnologias. A partir daí é possível a construção de tudo aquilo que for desejado pelo grupo.

Dinamara: O que é importante é por que abordar esse assunto? Porque muitas pessoas, principalmente há dez, 15 anos, tinham um medo assim: “Ah, vamos ter Educação a Distância, vamos ter ensino no computador, vai tomar o lugar do professor”. E não é isso, não é, Profa. Vani?

Vani: De jeito nenhum. Esta semana, eu estive até discutindo muito sobre isto. Porque estava conversando com um grupo de pesquisadores e professores, que falavam das fronteiras das tecnologias, dos processos inovadores de robotização, na automação ampliada, e aí eu questionei, sempre pensando em Educação, “mas e as pessoas? Como ficam nessa situação toda?” O que disseram é que cada vez mais as pessoas serão necessárias para inovar, com alta criatividade e excelentes formações. Para realizar ações plenas de humanidade. Elas precisam ter formações da mais alta qualidade para realizar ações que a automação não irá conseguir produzir. O que nós precisamos realmente, cada vez mais, é oferecer Educação de muito boa qualidade para formar as novas gerações, que vão lidar com todas essas tecnologias, chamadas de “tecnologias inteligentes”.

Dinamara: Isso é importante. O ser humano tem seu espaço e um espaço para criar esse novo. Porque a máquina, nós vamos programá-la. Ela tem a inteligência para fazer este trabalho. Esse novo é nosso. Somos nós que recriamos essa máquina. E até para viver, quem sabe, com um ócio mais criativo. Ter tempo para pensar novas propostas. Porque você não faz um engajamento de um aluno com ele recebendo uma proposta automática. Faz-se um engajamento de um aluno num ensino personalizado a partir do momento que você conhece aquele aluno. E isso a tecnologia não faz.

Vani: Exatamente. Isso mesmo.

Dinamara: Este tempo em que muitas pessoas pensavam que a tecnologia iria tomar o espaço dos professores. Não, ela não vai tomar o espaço dos professores, isso está muito bem garantido, não só na nossa carreira, mas nas demais carreiras também. Um outro fator importante é essa aproximação que as tecnologias dão, porque podemos estar em vários espaços, por exemplo, em Santa Rosa ou Fazenda Rio Grande, em qualquer local do país que hoje tem acesso à formação. Então, a tecnologia serve novamente para aproximar.

Vani: Quando comecei a trabalhar diretamente com as tecnologias digitais, na universidade, eu me entusiasmei pelas possibilidades que elas poderiam ter na Educação e comecei a pesquisar sobre isso. Mas nos anos 80, eu estudava sobre as tecnologias na educação e não sobre Educação a Distância. Eu comecei a me apaixonar por Educação a Distância em meados dos anos 90, ao conversar com professores franceses, que me deram um banho de realidade sobre as condições de melhoria para a educação no Brasil com a implantação de sistemas que pudessem levar EaD a todos os cantos do país. Este potencial, na época, eu ainda não havia percebido. Os professores franceses ensinavam francês a distância para alunos de países do centro da África. Eram estudantes de licenciatura, ou seja, futuros professores africanos que aprendiam com ótimos docentes das melhores universidades francesas, sem sair de seus locais de origem. Esta aproximação entre professores e alunos situados em continentes distintos me mostrou também a importância do uso das tecnologias para a democratização do acesso à educação de qualidade. A Educação a Distância vai promover exatamente esse processo de democratização, de chegar ao aluno onde quer que ele esteja. Fazer com que a Educação possa chegar a todos os estudantes, esse é o nosso dever. Se nós queremos realmente uma Educação que seja democrática, temos que ir onde o aluno está. A proposta da EaD vai ao encontro inclusive da política educacional pois permite oferecer educação para a grande massa da população brasileira que deseja estudar. Com a Educação a Distância é possível alcançar as metas previstas de formação de estudantes no ensino superior. Então, acredito que um trabalho como o que a Uninter está fazendo é de grande importância. Ele garante formação universitária para muitos que não teriam estas mesmas possibilidades sem deixar suas cidades, suas famílias e seus trabalhos.

Dinamara: Começamos já duas vezes a falar a respeito de que trabalhar com a educação, a distância ou presencial, pressupõe democratizar. É essa coragem de não pensar “eu aprendo, mas é para ficar guardado”, não é meu, se eu aprendi eu tenho que compartilhar, tenho que fazer esse “in devir”, que são as pessoas em crescimento. E uma outra palavra que a professora enfatizou é a questão da qualidade. Nós temos discutido com os alunos é que você não assiste aula, você participa da aula. Quer dizer, esse aluno que faz Educação a Distância não é um aluno passivo, que recebe uma aula, que entra para fazer apenas sua prova obrigatória. Não, ele é um aluno ativo, participante do seu processo de aprendizagem e isso é qualidade, não é, professora?

Vani: Com certeza.

Dinamara: Então, é sair dessa atitude passiva. Quer dizer, você não assiste aula, você participa da sua aula, você participa do seu momento de formação. Então, isso é qualidade. Uma outra questão que a professora colocou é a questão da regulação. Nós temos não só a legislação de Educação a Distância que mudou, quer dizer, teremos a possibilidade de ter novos polos, não é, professora?

Vani: Isso mesmo. Por ano.

Dinamara: Por ano, com as instituições.

Vani: Vocês estão bem.

Dinamara:Estamos bem [risos]. Com as instituições que têm boas notas, que tem o reconhecimento pelo Ministério da Educação, pelo ENADE. Ou seja, têm bons índices, teremos novos polos. Mas também a própria legislação que já diz assim: “você só terá essa condição se você for bom.”

Vani**:** Exato.

Dinamara**:** Se você faz um ensino de qualidade, você terá também os benefícios disso. Isso é um novo momento. Mas também temos o Plano Nacional de Educação que diz assim: “olha o que nós queremos conseguir”. E não é só pensar assim: “vamos ter Educação, Educação a Distância, Educação com qualidade” e não é para atingir porque as pessoas têm que ter ensino superior e temos que romper esses 20% e chegar nos 30% de pessoas com graduação no Brasil. Mas é porque, no momento em que as pessoas começam a estudar, nós temos um país melhor.

Vani: Com certeza.

Dinamara: Temos um país melhor. Profa. Gisele! Nós fizemos assim: alguns alunos, alguns tutores, alguns coordenadores de polo, a equipe também da ESE, fizeram algumas formulações que vão também dar o tom da nossa conversa. Profa. Gisele, quer fazer alguma pergunta para a podermos conversar?

Gisele: Então, nós temos alguns questionamentos, mas vamos ver o que conseguimos trabalhar. Muitas questões foram enviadas antecipadamente pelos nossos alunos, professores e tutores dos cursos a distância. Então, um deles, professora, está relacionado ao professor e o aluno. Sabemos que, nesse novo cenário, o perfil do professor também para o século XXI é outro. E perfil do aluno também, professora? Podemos dizer que é isso mesmo?

Vani: Sim. Principalmente, se o nosso foco for Educação a Distância, nós vamos ter um processo muito diferente de atuação. Como a Profa. Dinamara já falou, esse aluno vem de uma cultura arraigada no formato presencial e, muitas vezes, no mau ensino presencial. Muitos ainda pensam que, para se formar, basta entrar na sala de aula, sentar ... estar fisicamente presente. Acham que basta a presença física para garantir a aprendizagem. E nós sabemos que não. O aluno pode estar fisicamente presente na sala de aula, mas com o pensamento em qualquer outro lugar. Esta concepção tradicional também se articula com a ideia de que a qualidade da aula depende apenas da atuação do professor. E em vários cursos renomados de ensino superior, o estudante vai para a aula apenas para escutar o discurso do professor. Além da presença na aula nada é exigido deste estudante, ele não atua, não questiona, não responde, não tem nenhuma ação a não ser estar fisicamente presente. Neste aspecto, as avaliações contemplam esta presencialidade passiva, pontuando a “presença e participação” com valores as vezes iguais ou superiores ao aprendizado conceitual proposto pela/para a disciplina. Na realidade, o aluno se torna mais ativo na gestão de seu processo de aprendizagem a partir do momento em que a aula se encerra e ele começa a ler, pesquisar, estudar, refletir e lidar com os conteúdos apresentados em aula. Solitário ou com um pequeno grupo de colegas, ele vai discutir, vai praticar, fazer exercícios, sem a presença de um professor. É aí que eu digo que realmente não há aprendizagem que ocorra 100% no presencial. O processo tradicional de ensino presencial ele é francamente híbrido, com a ação primordial de aprender desenvolvida a distância, na maior parte das vezes de forma solitária. Já na Educação a Distância, o estudante tem várias oportunidades de trocas, de interações com tutores, professores e com os próprios colegas. Essas interações são extremamente importantes. Sua postura -assim como a do professor – muda. Ele precisa ser bem mais ativo e participante. Por exemplo, na minha disciplina - “Design Didático Digital”, oferecida semestralmente na pós-graduação na FEUSP- nós temos apenas um encontro presencial mensal, em que validamos tudo aquilo que fazemos a distância. Agora, a distância, nós estamos presentes e unidos pelos celulares e computadores. Utilizamos dois ambientes virtuais e outros vários espaços de interação. Nós discutimos os temas, trocamos ideias, resolvemos questões, dúvidas... Não consigo imaginar o desenvolvimento da disciplina se não for desta forma, compartilhada e em interação permanente com os alunos. Teve uma aluna uma vez que até disse: “olha, eu converso mais com as minhas colegas da disciplina no WhatsApp, do que com a minha família, com meu marido...” Por quê? Porque são colocadas questões, desafios, trabalhos em grupos motivadores, que serão apresentados inclusive em seminários virtuais, abertos para todos comentarem. Eles já conhecem o estilo da disciplina e se preparam para realiza-la. Quando estamos em nosso encontro mensal na sala de aula presencial, avaliamos todo o processo realizado e elaboramos sínteses sobre o que foi feito, como foi feito e o que poderia ter sido melhor, sempre com a preocupação de aprender, de fazer diferente e melhor em outras oportunidades. Aproveitamos as aulas presenciais também para apresentarmos os próximos temas e definirmos desafios, objetivos e novas formas de interação. Todos participam e dão sugestões. A disciplina é ativa, ágil e exige muita participação de todos: professores e alunos. É uma nova maneira de atuar em que professores e alunos são parceiros para alcançar objetivos comuns de aprendizagem. E o que os estudantes dizem: “é como maratona”. Nós terminamos uma etapa e já começamos outra, seguimos em frente. Neste processo, a relação professor-aluno é intensa. São muitas interações, dedicação, muito trabalho e muito crescimento. Eu aprendo muito. A colaboração é a marca do processo. Todos comentam sobre suas pesquisas, oferecem bibliografias novas sobre os temas estudados. Há interações e consultorias intergrupais, além das plenárias semanais, com toda a turma online. São muitos olhares e contribuições distintas, uma vez que as turmas são formadas por mestrandos e doutorandos das mais diversas áreas da Universidade. Então isso é crescimento. É crescimento para todos nós. E isso nos dá uma outra formulação para a relação professor-aluno. Ficamos mais próximos, nos conhecemos mais. Depois que a disciplina termina ficamos amigos. São vários os convites de ex-alunos para participar das suas bancas em áreas bem destacadas: Comunicação, Engenharia, Medicina, Biologia... Eu fico muito feliz e é impossível dizer não. Eu conheço suas histórias, sei sobre o que eles estão pesquisando, então isso para mim é um prazer muito grande estar com eles nesses momentos importantes: qualificação e defesa. Criam-se vínculos muito difíceis de serem feitos em aulas presenciais.

Dinamara: Quer dizer, é uma mudança de postura.

Vani: Total.

Dinamara: Trabalhar com tecnologias ou esse novo professor nessa nova sociedade requer essa nossa mudança de postura. O que é essa atividade docente? Não é mais um depósito. Nós não somos um depósito em que o aluno vai lá e pega... “Ah, hoje eu fui lá, fiquei 50 minutos, uma hora com a professora, ela falou, falou, e vai embora”. Quer dizer, essa relação na verdade nunca existiu, porque o aluno ia embora e ia buscar nos livros. Mas tinha-se essa fantasia de que não acontecia isso. Hoje não. Você grava um vídeo, você conversa com o aluno pelo Whatsapp, então tem várias formas de você continuar nesse processo de interação. E aí falamos uma palavra muito importante, que é a questão da interação. Essa interação humana, mediada por qualquer tecnologia, mas essa mediação que vai gerar o engajamento, que vai gerar, como a professora disse, novos conhecimentos, novos processos de aprendizagem. Porque, na verdade, somos todos aprendizes.

Vani: Exato.

Dinamara: Somos todos aprendizes. Porque um aluno vai ler uma teoria X, que talvez você tinha passado por aquela teoria, porque também vamos afunilando, vamos lendo. E daí outro traz um outro olhar até daquela mesma teoria que você já tinha lido. Então o processo de interação deste novo momento, deste novo aluno, deste novo professor. E é um novo que diz assim: “Mas que novo é esse?” É o novo no tempo de cada um também. Porque uma pessoa pode estar ouvindo e falar: “mas sempre se está usando o novo”.

Gisele: Então, a professora falou sobre o professor, o perfil, o perfil do aluno, mas temos uma questão relacionada agora à formação desse professor. É uma questão elaborada pelos coordenadores dos nossos cursos de licenciatura, porque atuamos com a formação de professores. A questão é a seguinte: Quais seriam os principais desafios e perspectivas para a formação de professores com respeito às estratégias de aprendizagem e de ensino nesse cenário tecnológico?

Vani: Esta é uma questão sobre a qual todos estão se debruçando, porque voltamos a Paulo Freire: “quem educa o educador?” E quem educa o educador que vai ser um professor na universidade, um professor formador de professores. Na atualidade este professor não faz tantas mediações com a tecnologia, quase nem as utiliza ou utiliza mal. Ele é um professor dono de seu saber. Eu já tive muitas discussões sobre isso com professores. Eles dizem: “eu tenho o meu saber, eu tenho as minhas pesquisas, eu sou uma pessoa reconhecida. Como agora eu vou abrir mão desse conhecimento para discutir com um estudante?” Para atuar diferente, este profissional precisa aprender muito mais do que as tecnologias disponíveis. Ele precisa mudar a mentalidade, aprender a agir diferente, se transformar. O conhecimento e a inovação, como a Profa. Dinamara diz, é um processo de aculturação. Você vai incorporando o novo e ele deixa de ser... McLuhan já dizia isto em 1960. O novo existe enquanto você o desconhece. Na medida em que você já ganha habilidade ou conhecimento para lidar com a novidade, ela deixa de ser uma inovação e passa a fazer parte da sua cultura, da cultura social, da cultura individual, e você se habilita a compreender melhor o que surge. Porque sempre o novo dá oportunidade ao surgimento de outras inovações. Mas é preciso que nós estejamos abertos para compreendermos e convivermos com as mudanças. Aproveitar o melhor do que elas nos apresentam para atualizarmos os nossos conhecimentos e as nossas práticas. Por exemplo, o professor que se abre para usar novas técnicas de metodologias ativas em suas aulas. Ele precisa não apenas conhecer as etapas do processo, mas estar aberto para trocar ideias e definir caminhos de desenvolvimento das atividades com os alunos. Ele precisa contextualizar e adequar essas metodologias à sua realidade e a de seus alunos. Aprender, praticar, refletir sobre o que foi feito, tentar novamente. Uma aluna de doutorado está fazendo uma pesquisa muito linda sobre *Aprendizagem* *Maker* para a formação de professores. Os princípios da *Aprendizagem Maker* são os de desenvolver uma proposta ou um projeto para ensinar/aprender e colocar em prática no processo. Testar, errar, consertar e aperfeiçoar. Ou seja, o professor, assim como o estudante precisa colocar a “mão na massa”, fazer, praticar, refletir sobre o que foi feito e buscar pontos de melhoria. O conhecimento não pode ser apenas algo distanciado, que não se integra com a vida e com o contexto em que se atua. Você não aprende uma receita de um bolo só lendo, sem experimentar. Vou ler 500 receitas de bolo, se eu não for para a cozinha, não colocar a mão na massa, não vai sair bolo.

Dinamara**:** Isso mesmo.

Vani: Então a mesma coisa se dá com o ensino: o professor universitário precisa descer... bom, em algumas universidades ainda tem o seu pedestal, e começar a praticar formas diferenciadas de atuar. E daí não é só usar o ambiente virtual como cabide: “Ah, eu uso, eu uso o Moodle, eu uso isso ou uso aquilo”. Tantos outros ambientes que são um cabide. Eles dizem: “eu coloco os textos lá e já estou fazendo uso das tecnologias, mudando minha prática”. Só que a mudança não é essa. A mudança se dá no dia a dia, em todos os momentos das aulas. É criar desafios adequados aos alunos e aos objetivos da disciplina. É produzir interações de todos com todos, refletindo e debatendo ao mesmo tempo. Uma palavra que eu gosto muito, criada pelo Prof. Nelson Pretto: “multiálogos”. Não é diálogo, que são as trocas dialógicas entre duas pessoas. “Multiálogos” são muitas pessoas ao mesmo tempo em interação, trocando ideias, conversando e aprendendo juntas. Por exemplo, uma situação que para mim deu muito certo: eu odeio seminário feito por aluno em sala de aula. Eu acho que é uma perda de tempo muito grande. O professor divide os temas da disciplina entre os alunos e lá se vão duas, três semanas com os alunos falando sobre o que eles aprenderam sozinhos, na maioria das vezes. Eu digo: “gente, não pode”. “Vamos transformar isso e transferir o seminário para o ambiente virtual”. Nos seminários virtuais que eu desenvolvo com os alunos, cada grupo pesquisa sobre um tema. Cada grupo tem espaços exclusivos nos ambientes para chats, fóruns e o que quiserem desenvolver. Apresentações prévias de cada tema são feitas em fóruns temáticos específicos onde cada grupo apresenta o quanto avançaram no tema para toda a turma. Esses fóruns de cada grupo são como reuniões gerais de trabalho, abertos para a turma em um exercício colaborativo do qual todos devem participar. Todos os estudantes da turma têm acesso às apresentações e postam seus comentários, colaborações e dúvidas. Se algum estudante conhece algum vídeo ou bibliografia sobre o tema, informa e contribui para a melhoria do trabalho do grupo. Realizam críticas construtivas sobre o que poderia ser melhor abordado, como agir em situações específicas, etc. Ao final, o grupo responsável pelo tema elabora nova versão incorporando – ou não – as sugestões e contribuições recebidas. Este documento final é recebido por todos os participantes. Estes também são momentos de criar oportunidades novas para que eles produzam vídeos, façam portfólios diferentes, mas que haja interação, que eles se intercomuniquem nesses processos, de maneira a dinamizar as atividades e não voltar à mesma questão de você ver o vídeo, ler o texto e responder a perguntinhas, ou seja, trazer o pior da cultura da aula expositiva para a cultura da Educação a Distância.

Dinamara: Fazer essa nova cultura, uma nova cultura de escola, uma nova cultura de construir esse processo de aprendizagem. Até porque informação estão disponíveis em vários locais. Contudo, construir esse processo de aprendizagem é um processo de aprendizagem colaborativo. A professora falava de seminário, não essa história de pegar um texto, repartir: “você fica com tal pedacinho, eu fico com outro”. Desse modo, ninguém sabe nada do outro e fica um jogral dentro de sala, em vez do que, de fato, um seminário. Seminário é a inclusão de todos sobre um assunto, é discussão em profundidade. E essa questão do “multiálogo” que o Pretto fala é muito envolvente, porque você olha o outro, você percebe o que ele está falando e daqui a pouco está construindo um novo conhecimento, está escrevendo de novo. Está pegando aquela receita daquele bolo, eu aplico pela primeira vez igual, para seguir aquela receita bem certinho, mas na próxima vez em que você vai aplicar, você já coloca um pouquinho a mais de sal ou de açúcar, sai diferente, então essa é a grandeza de podermos construir coletivamente. Agora, tem que ter desprendimento para isso, tanto desses professores que estão sendo formados, dos professores formadores de professores. Se sou um formador de professores, então não posso me distanciar da realidade. Qual é a minha realidade? São os jovens da educação básica, são os próprios alunos da graduação, porque nós temos formadores de professores que ficaram catedráticos realizando aula nos seus mestrados e doutorados, que não querem mais aulas na graduação, não quer mais encontrar aluno, nem no estúdio, nem num chat, nem num fórum, e sequer dentro da sala de aula. A professora lembrou muito bem o Paulo Freire. Quem iria imaginar que o que o Paulo Freire fez em Angicos iria se constituir em uma proposta educacional referencial. A audácia e a inovação de romper. E ter coragem, não é, professora, de fazer.

Vani: Mas fez. Não palestrou. Ele ensinou na prática. Fazendo. Então é isso: é ter a ousadia de ir à campo, de fazer diferente, de buscar novas formas para desenvolver suas aulas. Descobrir que nem tudo pode não dar tão certo em um determinado contexto. Mas a também aprendemos com o erro. A aprendemos tentando. Se não tentar, vamos continuar ensinando com os conteúdos e práticas do século XIX, com uma sociedade clamando por um aprendizado novo, que responda às necessidades desses novos tempos.

Dinamara: Isso.

Vani: Então, realmente, para fazer diferença, nós temos que fazer diferente. Aí nós estamos realmente acompanhando este processo contínuo de inovação.

Dinamara: É. Quer dizer, é estudar sempre. Não dá para parar. Profa. Gisele, temos mais alguma questão?

Gisele: Então, como a professora falou sobre esse novo perfil do professor do século XXI, do perfil do nosso aluno, falou agora da importância do professor trabalhar com as tecnologias de uma forma adequada, também nós temos uma questão que vai agora um pouquinho para a educação básica. Pensando em quais seriam os saberes necessários para o professor já atuante no contexto da escola básica. Se você puder, a partir das suas pesquisas, nas suas discussões, o que está em foco?

Vani: A principal pesquisa que estou desenvolvendo é sobre a didática necessária para o desenvolvimento de ações online. Estou bem preocupada com o *design* didático digital, que precisa ser diferenciado das didáticas tradicionais. Um dos aspectos mais interessantes neste estudo é sobre o processo de interação didática. E este é um saber que precisa estar na base das preocupações de todos os professores, em todos os níveis de ensino. Existem diversos níveis de interação didática e, só para exemplificar, um deles é a empatia. Eu me interessei em pesquisar sobre empatia em 2012, quando assisti à palestra da professora Tania Singer da área de neurociência social, do Instituto Max Planck, na Alemanha.  A empatia é essencial à ação didática dos professores. Em que sentido? No sentido do professor se colocar no lugar do seu aluno. “Quem é esse aluno? Onde ele está? Quais são os valores? Quais são as relações que ele já tem com o que pretendo ensinar?...” Isso é fundamental quando nós vamos preparar um curso, uma aula. Refletir sobre quem são esses alunos e por que o que pretendo ensinar é importante para eles. Trata-se de trazer a tona a preocupação de como podemos conduzir nossos processos didáticos para oferecer melhores condições de aprendizagem aos alunos. Um outro aspecto relevante e que está integrado ao conceito de interação didática – e que também é pesquisado pela Tania Singer - é a compaixão. A professora coordenou uma coletânea sobre o tema e a lançou como e-book: *Compassion*. Um dos capítulos é sobre o exercício da compaixão pelos professores da escola básica. Ou seja, o sentimento do professor de desejar o melhor para o aluno. Se na empatia o professor se projeta nas condições concretas de aprendizagem do aluno, com a compaixão ele vai além. Ele se preocupa e procura organizar condições para que o aluno aprenda mais e melhor. Para mim, esses são dois saberes básicos que deve permear a docência em todos os níveis. Eles estão de acordo com a questão que abordamos no início da nossa conversa sobre a questão da humanização dos processos em meio à cultura da automação e do uso massivo das tecnologias inteligentes. Um agir docente preocupado para que seus alunos possam aprender mais e melhor, de acordo com suas capacidades e condições.

Dinamara: Olha só, não é para você ficar emocionado quando você escuta tudo isso? Pois é, fazer educação é isso: é você ficar feliz com o que você tem. E duas palavras que são da trajetória humana, porque empatia é vivermos bem entre nós, é você estar feliz com a felicidade do outro. E ter a compaixão de que, de novo, aquela questão que falamos aqui: estar bem se as outras pessoas estiverem bem. “Ah, mas eu quero ser soberano.” Mas soberano de quê? De um conhecimento? De um trono? Não existe. Quer dizer, nós estamos vivendo um outro momento na história, e talvez vivendo esse tempo que é um tempo novo, de uma reconstrução, e de uma nova escola. Então, é ir para sua escola, para sua sala de aula na educação básica, lá com os seus meninos na educação infantil, ou no ensino superior, mas com aquele prazer: “nossa, é segunda-feira, eu tenho para onde ir, eu vou encontrar os meus alunos, e tem os sonhos dos meus alunos”, porque eles têm sonhos, como nós temos a vida inteira. Então, quando a gente encontra os alunos, eles estão depositando naquele professor... “ele vai me ajudar a conseguir aquele sonho”. Então os dois conceitos são realmente maravilhosos e retratam essa busca que nós temos de nos fazer pelas pessoas também.

Vani: Exato. E há diferenças no sentido de inclusão também. Porque nós pensamos em inclusão como uma forma diferenciada de olhar o outro, de aceitá-lo, mas não queremos mudar as nossas ações para incluir, para aceitar os comportamentos do incluído que, em muitos casos, é diferente do comum, do esperado. Muitas vezes fazemos a exclusão prévia, segmentamos os alunos sem nos preocuparmos com o que eles realmente podem oferecer. Frases como: “Ah, esse não quer nada. Este não sabe...” são geradas a partir da nossa posição superior, sem nenhuma empatia com os aprendizes. Mas será que este é o comportamento mais adequado na docência? Excluímos previamente os que apresentam posições diversas das nossas expectativas? A inclusão é aceitação e para aceitar precisamos exercer a empatia, se colocar no lugar do incluído. Precisamos também praticar a compaixão para poder oferecer melhores condições a todos. No ensino superior, por exemplo, lidamos com adultos. A escolarização do adulto é uma questão de escolha pessoal. Se a pessoa escolhe se filiar a uma instituição de ensino para aprender, para ser aluno, é porque ela tem sonhos, tem ambições e confia que aquele espaço vai orientar seus caminhos para alcançar seus objetivos de formação. O professor precisa decodificar esse desejo para poder ajudar a orientar os seus processos de formação.

Dinamara: Até porque o adulto tem autonomia para fazer escolhas. Não é como a criança ou adolescente na educação básica. O adulto não. Ele escolhe estar com você. Ele escolhe estar naquela instituição. Então é por isso que eu digo: ele deposita na instituição e em você, professor, um sonho. Porque ele deposita um sonho...

Vani: E um desejo.

Dinamara: Um desejo e um tempo de vida, porque se ele fica três horas ou quatro horas numa instituição, é muito bom você estar buscando conhecimento, você está fazendo seu curso EAD, é muito bom. Mas também é tão bom você poder estar com a sua família e você optou por estar ali. Então é a autonomia e é essa a nossa responsabilidade enquanto professores. Profa. Gisele, mais alguma provocação?

Gisele: Mais uma professora. Ainda voltada para a questão da educação básica, pensando aqui numa questão que foi enviada. Sabemos que a tecnologia está em permanente processo de transformação. Então, nosso aluno pergunta como ele enquanto docente consegue acompanhar tudo isso, porque muitas vezes, na sala de aula, os nossos alunos têm acesso muito rápido à questão da informação. E eles trazem isso para a sala de aula. Então, gostaria que você desse algumas dicas de como esse nosso aluno que já está atuando em sala de aula pode lidar com essas situações.

Vani: A primeira coisa é relaxar. Não duelar com os alunos ou ficar estressado para mostrar que ele, como professor, sabe mais. Sabe tudo. Considerar o que Manuel Castells diz sobre os espaços de fluxos das tecnologias. Ele vai dizer que nós humanos temos um tempo e uma velocidade específica para lidarmos com as inovações, sobretudo as tecnológicas. Ele diz que existem diversos segmentos na sociedade atual e, cada um, tem um tempo e uma velocidade específica. O tempo da inovação no segmento da tecnologia é ultrarrápido. Uma inovação tecnológica rapidamente se desdobra e é superada por outras inovações em um crescimento exponencial. Nós não conseguimos acompanhar esses movimentos e essas velocidades. As inovações tecnológicas alimentam um segundo segmento: o espaço produtivo, que as transformam em produções para o mercado. O espaço produtivo, no entanto, depende não apenas da ultra velocidade das tecnologias para produzir inovações. Ele precisa também que essas novidades sejam compreendidas, assimiladas e aceitas pelas pessoas. O segmento produtivo faz a mediação entre o segmento tecnológico e o segmento humano, das pessoas, o nosso. O mundo produtivo transforma as inovações mais assimiláveis pelas pessoas em mercadorias. Entre milhões de inovações que são criadas pelas tecnologias, apenas algumas viram “mercadorias”. Entre essas, algumas dão certo e outras não. Seus tempos são efêmeros. Qualquer dispositivo tecnológico na atualidade é numerado. 1.0, 2.0... 10.0 ... É o tempo da indústria indicando mudanças tecnológicas nas inovações. Essas alterações aguçam nossos desejos e as nossas ambições. E nem sempre o mais novo, o mais atual, é o melhor. O segmento produtivo manipula os nossos sentimentos. Precisamos ter plena consciência disso para nos encontrarmos com nossas temporalidades e incompletudes. No nosso segmento, o humano, temos também um tempo particular, com velocidade e processo específico para assimilação e uso das inovações. O que precisamos é ter consciência dessa nossa humanidade e não tentarmos seguir o tempo das inovações (que, por si, é impossível) e nem o tempo dos lançamentos mercadológicos. E fazermos nossas escolhas de forma esclarecida. Avançamos conscientes no conhecimento, experimentamos e compreendemos os processos da inovação, fazemos escolhas e definimos os caminhos e as mudanças que queremos/precisamos realizar. Sabemos que é impossível mudar sempre, estar atualizado de forma absoluta. Saber tudo, o tempo todo, sobre tudo. No processo de conhecimento humanizado que defendo, precisamos fazer alianças. Como professores, temos aliados maravilhosos em nossos alunos. Mais uma vez retornamos a questão das parcerias e da mudança de postura dos professores para deixar de ser aquele que se apresenta como o dono do saber, o que tudo sabe. Abrir tempos e espaços de interações com os alunos para trocas comunicativas em que todos aprendam, inclusive sobre as inovações que, muitas vezes, eles conhecem mais e melhor do que os professores. Torna-los parceiros de forma que eles possam ter espaço em nossas aulas para dizer: “olha, eu descobri isso, e acho que é legal para nossas práticas”. Aí o professor diz: “como é que nós podemos usar isso em nossa sala? O que podemos fazer com isso?” E aí levar o aluno a refletir e expressar suas ideias. Abrir para a turma e produzir debates sobre o assunto, criando parcerias e cumplicidades entre professores e alunos. Questionar a todos e convidá-los a refletir e experimentar: a equipe, o grupo, a turma. Seres pensantes, refletindo sobre um mesmo problema e tentando resolver ou criar condições de usabilidade e adequação ao contexto em que se encontram. Isso daí vai garantir motivação extrema para os alunos. E eles, junto com o professor, vão conseguir ir além.

Dinamara: Olha aí. O que a professora está nos ensinando, nos mostrando é: não podemos ter medo de tecnologia. E hoje nós temos que admitir para os nossos alunos: “olha, não conheço isso. Não sei.” E mesmo assim, não conhecer naquele momento não é nenhum demérito para o professor. Nós não temos condições hoje de acompanhar todos os processos e nós tínhamos um momento em que os professores tinham vergonha. Não tem mais que ter vergonha. Tem que falar: “que bom que descobriu. Vamos planejar, vamos fazer isso melhor”. Eu lembro de um momento quando explodiu o *Second Life*, um aluno veio e nós estávamos bem no meio de uma aula de educação e tecnologia: “professora, vou fazer um convite para a senhora entrar no meu mundo virtual.” Eu falei: “meu Deus, eu não sei montar ainda.” E estava todo... Então, aí você muda o paradigma, cria para turma, então tem que ter coragem de admitir esses momentos.

Vani: É transformar a concepção de sala de aula de uma relação hierárquica para uma comunidade, uma comunidade de seres pensantes, como diz Pierre Levy, que têm o mesmo objetivo, que é ensinar e aprender juntos.

Dinamara: Ok. Bom, nós vamos aí caminhando para os últimos momentos. Profa. Gisele, eu sei que a senhora poderia ter mais perguntas aí, mas nós vamos fazer assim: eu gosto muito de uma frase do Betinho que diz que o novo vai romper, as coisas novas vão acontecer na nossa vida. E também tem um trechinho da Helena Kolody, que diz assim: “nas nuvens e nos sonhos, cada um vê o que quer.” Então essa plantação, essa grande floresta chamada Educação, cada um vê ali uma árvore maior, outra menor, outro vê a formiguinha. Mas é importante é nós estarmos sempre fazendo a rega dessas árvores, estar sempre vendo aí esses novos sonhos. Professora, gostaria você concluísse essa conversa.

Vani: Queria dizer que nós todos estamos juntos numa missão única e linda que é a de fazer o melhor na educação. O melhor para transformar pessoas, transformar seres pensantes que possam realmente fazer a diferença daqui para frente. E essa é uma missão única que nunca devemos abrir mão. E agradecer a oportunidade desta conversa. Infelizmente, sem tanta interação, mas com boas perguntas, e que podem talvez suscitar novas discussões. Que vocês possam dar continuidade a elas. Muito obrigada pela atenção e muito obrigada pelo convite.

Dinamara: Imagina, professora. Bom, tivemos aí uma conversa. É sempre uma honra com a Profa. Vani Kenski, que pesquisa e acredita na possibilidade da educação e com a Profa. Gisele, coordenadora do curso de Pedagogia. E espero que os leitores gostem dessa conversa. E que consigamos jogar aí mais umas gotinhas de água nessa grande floresta chamada Educação; e que sempre possamos fazer o melhor, sim, pensando nas gerações atuais e nas gerações futuras. A todos, um grande abraço e até outra oportunidade.

Vani: Até.